

Aureliano Alves Netto

A REENCARNAÇÃO E O CONCÍLIO

“Não deve existir erro privilegiado nem tão pouco sancionado”
Shopenhauer

*"O amigo Eudalbo Neves de Freitas, diz-nos que alguém lhe perguntou se é verdade que a Igreja Católica, **“até o Concílio de Constantinopla”**, aceitava ou admitia a reencarnação” e, ainda, “se tinha sido a Imperatriz Teodora quem levara o dito Concílio a repudiar a idéia dos múltiplos renascimentos, vez que não desejava ocupar posição menos importante, de futuro”.*

Confessa que, sobre o assunto, apenas se lembra de haver lido na revista **O CRUZEIRO**, de 23-9-71, este depoimento do Dr. Hamendra Nath Banerjee, parapsicólogo indiano: *“Até o Concílio de Constantinopla, no século quarto, a igreja aceitava a reencarnação. resolveu não a aceitar mais depois de uma votação em que a maioria dos representantes não compareceu, devido ao mau tempo. Se todos estivessem presentes, talvez a decisão não tivesse sido essa”.*

Acontece que, dos quatro concílios realizados em Constantinopla (381, 553, 681 e 869), o primeiro coincide com a época citada pelo Dr. Banerjee, porém *“contraria a estória da Imperatriz Teodora , que somente pode ter influenciado o de 553, se é que realmente influenciou”.*

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

É fora de dúvida que eminentes *“Pais da Igreja”* perfilavam a doutrina das vidas sucessivas. Em carta dirigida a S. Inácio, Ruffinus dizia que esta crença era comum entre os primeiros *“Pais”*.

S. Jerônimo afirma que *“a doutrina das transmigrações era ensinada secretamente a um pequeno número, desde os tempos antigos, como uma verdade tradicional que não devia ser divulgada”*. Asseverava S. Gregório de Nissa que *“há necessidade natural para a alma de ser curada e purificada e se ela não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera pelas vidas futuras e subsequentes”*.

Comentando as palavras de Jesus referentes a *“muitas moradas na casa de meu Pai”*, escreve Orígenes: *“O Senhor alude as diversas estações que as almas devem ocupar depois de terem sido privadas dos seus corpos atuais e de terem sido revestidas de outros”*.

Em sua Apologética explana Tertuliano:

“Declare um cristão acreditar possível que um homem renasça noutro homem, e o povo reclama em grandes brados que seja lapidado. Entretanto, se foi possível crer-se na metempsicose grosseira, a qual afirmava que as almas humanas voltam em diversos corpos de animais, não será mais digno admitir-se que um homem possa ter sido anteriormente um homem, conservando sua alma as qualidades e faculdades

S. Agostinho, em Confissões. 1, VI, indaga: *“Não teria eu vivido em outro corpo, ou em qualquer outra parte, antes de entrar no ventre de minha mãe?”* Muito tempo depois dos Concílios de Constantinopla, já no século XV, em pleno Vaticano, a Cardeal Nicolau de Cuza sustentava a pluralidade das existências e dos mundos habitados, com a anuência do Papa Eugênio IV.

Esclareça-se que o V Concílio Ecumênico foi o segundo concílio realizado em Constantinopla (553).

Observa Hans Santesson, em seu livro ***Tudo sobre a Reencarnação***: *“A exclusão da fé cristã dos ensinamentos sobre a preexistência da alma e, por implicação, da Reencarnação, data desse Concílio (553). (...) Os Santos Padres da Igreja, antes de*

Justiniano e mesmo antes de Constantino, aceitavam a reencarnação e nela acreditavam”.

Dos quinze anátemas propostos, o primeiro, aprovado tranquilamente, estatuiu: *“Se alguém afirmar a fabulosa preexistência das almas e a monstruosa restauração que dela se segue, que seja anatematizado!”*

A INFLUÊNCIA DE TEODORA

Teria a Imperatriz Teodora influenciado a decisão conciliar? É muito provável que sim. Antiga atriz e ex-amante de um governador provinciano, a insinuante mulher, *“pequeninha, bonita e graciosa, era, talvez, a personagem feminina mais atuante, naquela época, nos meios governamentais e clericais”.*

Informa Hans Stefan Santesson: *“Justiniano, teólogo no fundo, dedicava seu tempo livre a questões religiosas por amor a controvérsia e ao puro prazer de dogmatizar. A mais cosmopolita Teodora, consciente dos profundos problemas políticos subjacentes às variáveis e mutáveis discussões dos teólogos, persistiu firme no seu caminho, desafiando ousadamente o Papado e levando atrelado a ela o indeciso Justiniano mesmo após a sua morte.”.*

Pelo que acabarmos de expor, evidencia-se que o Dr. Banerjee se equivocou quanto à data do Concílio, que não foi o de Constantinopla realizado no século quarto (381), mas o II, que se realizou no século sexto (553).

E sobre a controvérsia nada mais temos a dizer, nem nos foi perguntado.

BIBLIOGRAFIA:

- 1 – O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR - Léon Denis.
- 2 - CRISTIANISMO E ESPIRITISMO - Leon Denis
- 3 - COMO OS TEÓLOGOS REFUTAM - MARIO CAVALCANTI MELO
- 4 - TUDO SOBRE A REENCARÇÃO - Hans Stefan Santesson
- 5 - ALMANAQUE ABRIL 1978